



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS**

José Ricardo Alves

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE PARA A ALFABETIZAÇÃO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).**

Recife
2019

José Ricardo Alves

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE PARA A ALFABETIZAÇÃO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientadora: Prof^a. Ms. Josefa Alexandrina Medeiros de Oliveira Machado

Recife
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

A474i Alves, José Ricardo

A importância do ensino da arte para a alfabetização na educação de jovens e adultos (EJA) / José Ricardo Alves. – 2019.

46 f. : il.

Orientadora: Josefa Alexandrina Medeiros de Oliveira Machado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) –

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Artes e Tecnologias, Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências.

1. Arte - Estudo e ensino 2. Educação de jovens e adultos 3. Arte na educação 3. Tecnologia educacional I. Machado, Josefa Alexandrina Medeiros de Oliveira, orient. II. Título

CDD 370

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar argumentos sobre a importância da isenção do ensino de arte na Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, atentos a sua influência para a formação cidadã dos estudantes, analisando os impactos das tecnologias no ensino. Buscaremos a descrição de fatores que podem definir à arte como instrumento motivacional, e contribua para a superação dos obstáculos cognitivos, falta de investimentos na infraestrutura da educação básica, no processo formativo da capacitação de professores de arte e da EJA. Destacamos que os processos formativos ajudariam os professores a entender melhor os impactos tecnológicos presentes nas salas de aulas por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que já faz parte do cotidiano dos estudantes presente hoje em nossas escolas. Refletimos a partir da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa como metodologia fundamental, aliada com a dialética Freireana como base essencial para o ensino da Arte na Alfabetização de Jovens e Adultos. Pois, acreditamos que ajudaria bastante, de um modo geral, principalmente no entendimento do contexto histórico da arte e na sua relação com a cultura, os grupos socioculturais e sua influência na educação popular, que necessariamente precisa se fazer presente no ensino da arte e na alfabetização como também nos demais módulos da educação de Jovens e Adultos, onde a arte contemporânea representada dentro dos quatro grandes campos: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Já presente no Parâmetro Curricular da Educação Básica de Pernambuco (PCEB, de Pernambuco 2013, p 18). Normatização que se faz necessária abranger a alfabetização no primeiro módulo da Educação de Jovens e Adultos, no ensino formal como também no não formal, na luta pela erradicação do analfabetismo, dialogando com os novos segmento da arte e da tecnologia que tem por obstáculo a falta de estrutura das escolas, como também professores que não são formados em arte e nem tão pouco recebem capacitação por meio de uma formação continuada adequada a disciplina de arte e dentro dos eixos tecnológicos. A investigação aponta que, na iminência em superar esses obstáculos, é preciso um esforço pedagógico em prol da autoestima dos estudantes da EJA, otimização do uso da tecnologia móvel, no caso dos aparelhos de telefonia celular, os tablets e notebooks. Na utilização desses aparelhos de forma mais direta na arte com vídeos, fotografias entre outros meios tecnológico vinculado a arte, superando as questões de infraestrutura materiais das escolas ao mesmo tempo, conscientizando os estudantes de que a escola é um espaço de construção do conhecimento, e o ensino da arte neste processo pedagógico amplia o conhecimento de mundo expressivamente, cognitivamente e perceptivamente tanto de estudantes em sala de aula ou fora dela.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino da Arte; Tecnologias.

ABSTRACT

This research aims to present arguments about the importance of exemption from art teaching in the Literacy of Youth and Adult Education, paying attention to its influence on the citizens' formation of students, analyzing the impacts of technologies on teaching. We will seek the description of factors that can define art as a motivational instrument, and contribute to overcoming cognitive obstacles, lack of investments in basic education infrastructure, in the formative process of training of art teachers and EJA. We emphasize that the training processes would help teachers better understand the technological impacts present in classrooms through Information and Communication Technologies (ICTs), which is already part of the daily lives of students present in our schools. We reflect from Ana Mae Barbosa's triangular approach as a fundamental methodology, allied with the Freirean dialectic as an essential basis for the teaching of Art in Youth and Adult Literacy. For we believe that it would be very helpful, in general, especially in understanding the historical context of art and its relation to culture, socio-cultural groups and their influence on popular education, which necessarily needs to be present in the teaching of art and literacy as well as in the other modules of Youth and Adult education, where contemporary art is represented within the four major fields: Visual Arts, Dance, Music and Theater. Already present in the Curriculum Parameter of Basic Education of Pernambuco (PCEB, Pernambuco 2013, p 18). Standardization that is necessary to cover literacy in the first module of Youth and Adult Education, in formal as well as in non-formal education, in the struggle for the eradication of illiteracy, dialoguing with the new segments of art and technology that has as an obstacle to lack of structure of schools, as well as teachers who are not trained in art and are not trained either through continuing education appropriate to the art discipline and within the technological axes. The research points out that, on the verge of overcoming these obstacles, a pedagogical effort is needed in favor of the self-esteem of EJA students, optimization of the use of mobile technology in the case of mobile phones, tablets and notebooks. Using these devices more directly in art with videos, photographs and other technological means linked to art, overcoming the material infrastructure issues of schools while making students aware that the school is a space for knowledge construction, and Art teaching in this pedagogical process expands the knowledge of the world expressively, cognitively, and perceptively to students in and outside the classroom.

Keywords: Youth and Adult Education; Art teaching; Technologies

SUMÁRIO

1.1 OBJETIVOS	8
1.1.1 Objetivo geral	8
1.1.2 Objetivos específicos	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 A importância da arte para alfabetização de Jovens e Adultos (EJA)	9
2.2 A arte como forma de incentivar e motivar a escolarização e a sua continuidade.....	15
2.2.1 Arte e a Tecnologia como motivação para os alfabetizandos	19
2.3 O ensino da arte ontem e os reflexos nas aulas de hoje.....	25
2.3.1 A importância da arte contemporânea nas aulas da EJA	28
3 METODOLOGIA	34
4 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS	36
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir para necessária mudança de perspectivas quando da prática do ensino da arte considerando sua importância na Alfabetização no módulo inicial da Educação de Jovens e Adultos (EJA), partindo também do pressuposto que, teoricamente, ensino da arte enquanto disciplina do currículo escolar é obrigatória e foi conquistada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, em seu Artigo 26 - § 2º “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes.

Infelizmente, essa orientação legal e fundamentação teórica do currículo está muito distante da prática pedagógica necessariamente esperada, se no ensino fundamental e médio isso não vem ocorrendo de forma significativa, imagine na Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Ana Mae fala em seu livro que “precisa educar seu público em novos modos de percepção. Assim, a arte é essencialmente educativa, não somente em seu aspecto instrumental, mas através do consumatório e do instrumental fundidos na experiência” (BARBOSA, 2001, p. 147). Por isso, aqui entendemos que a escola é o principal meio de mobilização e articulação para essa tão importante descoberta, pois para que isso ocorra a Arte precisa estar inserida no currículo da EJA em todas as fases da modalidade; da Alfabetização até o ensino médio, não simplesmente para compor o currículo, mas que seja respeitada com a mesma relevância das demais disciplinas, tal qual Português e Matemática.

Levando para as salas de aulas conceitos não só da arte na forma teórica, mais também acrescentando artefatos artísticos e tecnológicos, atento a sua importância e impactos na construção do conhecimento para os estudantes da alfabetização nos módulos iniciais da educação de jovens e adultos. Tendo uma importância histórica para inclusão social, cultural e política, na construção da educação como direito social, assegurando atendimento que emancipe e respeite às especificidades na modalidade, avaliando o acesso, garantia e permanência de jovens, adultos e idosos, no processo da escolarização e sua continuidade. Esse impacto positivo pode refletir direta e indiretamente na frequência e no

desempenho dos estudantes, que a partir de uma maior participação, passará a absorver e interagir melhor com os conteúdos aplicados. Ressaltamos que a intencionalidade deste trabalho é contribuir para o direcionamento da construção de uma educação humanizada articulada ao ensino da Arte e a Tecnologia, na busca de uma prática que acompanhe a infraestrutura oferecida pelas escolas que pode ser pela dança, teatro, música e as Artes visuais com fotografias e outras mídias digitais, embora esteja fundamentado em pesquisa de cunho documental e bibliográfica, é pertinente destacar que, o mesmo também traz importantes contribuições relacionadas às experiências vivenciadas em programas na Alfabetização de Jovens e Adultos.

A pesquisa tem como objetivo destacar argumentos sobre a importância do ensino de arte na Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, apresentando instrumentos significativos de transformação que passem conhecimento e credibilidade capazes de conscientizar os responsáveis na elaboração do currículo da EJA a uma reflexão pedagógica, observando o processo formativo na perspectiva de uma formação inicial e continuada em que o ensino da arte esteja inserido contextualmente, em nível de conhecimento que dialogue com as demais disciplinas, possibilitando a construção de um modelo de educação que aponte para um conhecer permeado por motivação, não só na alfabetização mas, de forma permanente ao longo da vida. O que faz da educação uma arte é precisamente quando a educação é também um ato de conhecer” (SHOR; FREIRE, 1996, p. 509).

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- Desenvolver argumentos sobre a importância do ensino de arte na Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever sobre a influência do ensino de arte na formação cidadã dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.
- Identificar o impacto da tecnologia como instrumento facilitador no desenvolvimento do ensino de arte na Educação de Jovens e Adultos.
- Descrever fatores que definem a arte como elemento para motivação dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A importância da arte para Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA)

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis (PCN's, 1998, p. 20). Presente na educação brasileira e garantida pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei 5.692/71 as aulas de educação artística e atividades tradicionais da época apontavam para uma educação voltada ao meio trabalhista tecnicista sem nenhuma contextualização com as questões culturais, posteriormente, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, já como disciplina após ter sofrido várias investidas para não se manter no currículo escolar, surge com o propósito de trazer para o centro da discussão o debate sobre outros segmentos da Arte como a dança, teatro, Artes visuais e a música, que mais a frente é modificada pela lei n. 11.769/2008, fortalecendo-se quando na formulação da constituição de 1988. (...)§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes. (BRASIL, 2010, p. 26). Não é o que ocorre em Pernambuco na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Parâmetro Curricular de Pernambuco (SEE, PCPE. 2013), não especifica qual módulo ou segmento da EJA as aulas de Arte devem ser aplicadas, não é claro em sua proposta, sendo

Assim, não estão explicitadas as expectativas de aprendizagem por nível de ensino (Fundamental e Médio), uma vez que, como já foi dito, são sujeitos com experiências e percepções de vida variadas e, também, essa construção precisa ser feita com o grupo de educandos que se tem em cada tempo.

Essa rede está presente, neste documento, em forma de nuvem de palavras, onde pode ser visualizada a indicação dos conceitos que permeiam os Parâmetros Curriculares – Arte para o Estado de Pernambuco. (SEE, PCPE. 2013, p 30)

Sendo Assim observamos que, na grande maioria das escolas, não se veem com a obrigatoriedade de inserir em seu currículo, na alfabetização ou primeiro segmento/módulo, o ensino da Arte. Diante disso, precisamos compreender o que leva a esse entendimento, daí cabe o questionamento: será por questões econômicas ou, por ainda não entender que o ensino da Arte tem sua devida importância no processo de ensino aprendizagem, instrumentos de

identificação cultural, de percepção individual; como caminho “para compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas” (PCN’s,1998, pág. 48). Essas expressões já referendadas por Ana Mae quando diz que:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2000, p. 9).

Presente expressivamente em todas as manifestações culturais de forma direta ou indireta o ensino da Arte na Educação de Jovens e Adultos tem uma grande importância, independentemente do módulo em que o estudante esteja matriculado. É cativamente fundamental para o público jovem que hoje vem crescendo nas turmas da EJA, com uma faixa etária entre 14 a 16 anos de idade. Segundo BRUNEL:

o rejuvenescimento da população que frequenta a EJA é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço (BRUNEL, 2004, p.9).

O crescente número de Jovens na EJA oriundos das próprias escolas onde frequentavam ou de outras escolas vizinhas é uma prática que vem modificando o perfil do público da EJA, já bastante comentado e discutido por diversos pesquisadores, esse rejuvenescimento parece apresentar uma maior receptividade a forma dialógica da arte que pode ser transmitidos aos estudantes mais adultos, portanto é possível “Construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, sabendo receber e elaborar críticas” (PCN’s,1998, pág. 48).

Cabe pontuar que arte é a disciplina que, poderíamos dizer, não impõe barreiras cronológicas ou limites de faixa etária para ser trabalhada, pois sabemos

que diferentemente de algumas disciplinas da qual seguem toda uma regra, sugerindo uma orientação cronológica e ordem metodológica para prática do ensino. O processo criativo presente na arte propõe o “fazer arte” como pontua Barbosa:

Quando se expõe os estudantes a obras de arte no original, essas desafiam seu poder de observação e oferecem conhecimento que os habilita a esforços criativos posteriores. O mundo orientado visualmente torna-se um elemento ativo na sala de aula por meio da percepção, da análise, da imaginação e da expressão, da produção ou do fazer arte na classe" (BARBOSA, 1997, p. 121).

A arte rompe com as formas tradicionais na educação, antes mesmo das mudanças inovadoras construtivistas da educação e de outras metodologias aplicada ao longo da história. A arte é autônoma e transcende a interculturalidade, seu limite é o próprio artista, sem limites de idade, a arte é o maior meio da democratização do conhecimento, tanto é que foi uma das antigas formas de comunicação da humanidade, com as imagens rupestre, representações artísticas na pré-história. Ana Mae diz que: *“Em arte não há certo ou errado, mas sim o mais ou o menos adequado, o mais ou o menos significativo, o mais ou o menos inventivo. A arte na educação contrapõe-se às supostas verdades educacionais e às mais suspeitas ainda certezas da escola”*. (BARBOSA, 2005, p. 12). A expressão artística sempre esteve presente em nossas vidas sociais, mesmo antes de ser proposta escolar, portanto

Os tempos contemporâneos requerem um novo olhar, mais curioso, mais ativo e ao mesmo tempo mais reflexivo que a arte e seu ensino podem proporcionar. A arte como parte do currículo escolar proporciona ao estudante a possibilidade de entrada no mundo por um viés que não é o habitual, instigando-o e provocando-o a ver com outros olhos seu aprendizado, ao mesmo tempo em que o acolhe, oferecendo-lhe o extrato do pensamento e expressão humana na forma de objeto artístico. Um ensino de arte atualizado com seu tempo proporciona ao estudante uma formação estética e acentua a visão crítica. A educação não deve prescindir de tal contribuição, mas recrutá-la como mais um contribuinte ao processo de formação do estudante (BOSCO, 2011, p.19).

Considerando que a arte é uma forma de expressão do conhecimento onde se pode trabalhar interdisciplinarmente. Considerando ainda que a mesma tem vários significados, de forma a potencializar as demais disciplinas: da matemática com a geometria, na leitura de gráficos, na prática de atividades fracionárias e

suas diversas figuras tornando-as bastante coloridas e cheias de vida; na língua portuguesa contextualizando imagens para interpretação, no estímulo a contação de história com a construção das próprias histórias onde os estudantes têm a oportunidade de criarem histórias em quadrinhos e em forma de contos em livretos e até mesmo na construção de figurinhas no cordel; no ensino da geografia com os mapas, o sistema solar e os planetas onde é possível apresentar tecnologicamente por meio das artes digitais em três D, entre outras tecnologias, podendo usar a mesma metodologia no ensino da Ciências Biológica, na História Geral entre outras disciplinas, que podem ser integradas as demais competências da arte e em seus diversos segmentos, aplicando de maneira que possa potencializar qualquer disciplina. Retomamos a reflexão do papel do educador da EJA e sua importância pois, as propostas apontam que cabe ao educador despertar no educando um ambiente escolar propício repleto de reflexão, e aberta ao diálogo cultural, mostrando o quanto a arte pode estar inserida nas diversas esferas do conhecimento, que seja no ensino médio da EJA, nos demais segmentos da modalidade incluindo o primeiro módulo e a alfabetização que hoje não estão definidas e inseridas obrigatoriamente no Parâmetros Curriculares de Arte da EJA. A preocupação recai no que afirma Canda, 2012, p. 16.

Os espaços destinados à produção e fruição artística vêm sendo negados historicamente às classes populares. Por outro lado, consideramos que a formação para a vivência cultural plena incentiva o gosto e a valorização da obra de arte, como conjunto de conhecimentos simbólicos e culturais. (CANDA, 2012, p. 16)

Os estudantes da EJA que chegam às salas de aulas com diversas experiências de vida entre outras formas de conhecimento. Segundo Canda, 2012, p. 15. Nessa reflexão, “olhar para os jovens e adultos é possibilitar-se ao encontro com sujeitos que trazem consigo uma significativa bagagem de experiências construídas ao longo da vida”. Alguns com uma larga experiência de vida, outros com menos experiência, mas cada um com sua história de vida, sua cultura de acordo com a especificidade de cada grupo social. Tudo isso muito significativo na relação alfabetizando e alfabetizador, que precisa ser explorada por meio da sensibilidade de ambos na troca do conhecimento.

Destacamos que o professor da EJA precisa estar sensível às especificidades dos grupos sociais, não é só ter o domínio da arte é preciso estar capacitado para atuar de acordo as especificidades que a modalidade apresenta, principalmente na alfabetização no primeiro módulo ou no ensino não formal, portanto, o professor precisa estar preparado para esse primeiro momento do estudantes Assim, pensar a educação é pensar os processos culturais de seus sujeitos, processos dos quais a Arte ou as múltiplas formas de expressão fazem a Arte indubitavelmente (Pernambuco, PCA/EJA 2013, p 18), pois ainda observando o que cita o Parâmetro Curricular de Arte de Pernambuco, destaca-se a cultura e tradições como sujeito participativo.

Vale destacar que situar-se no mundo é também pensar as diferenças, em toda sua amplitude, abarcando as inter-relações humanas, seja no campo do respeito e do reconhecimento, seja no campo da apropriação das diferenças. Um exemplo no campo da Arte é conhecer, reconhecer e apropriar-se das culturas tradicionais, como a indígena e a afro-brasileira, em aspectos das manifestações artísticas e estéticas. Essas manifestações podem ser pensadas em rede, estabelecendo parcerias com as comunidades quilombolas e indígenas, utilizando a Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e a Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, que garantem a obrigatoriedade do ensino e da aprendizagem dessas culturas, aprofundando os estudos e pesquisas sobre essas temáticas (Pernambuco PCA/EJA 2013, p 18)

Ao discorrer acerca da importância das Artes para a Alfabetização de Jovens e Adultos, cabe citar que devemos não só trabalhar, de acordo com as duas leis citadas na referência acima, como também garantir em loco uma vivência a essa realidade cultural com visitas a esses povos que sempre influenciaram nossa cultura pelo folclore e até nas festas carnavalescas, essa relação propõe aos estudantes e professores uma oportunidade de apreciação da arte autêntica e uma aquisição de um conhecimento que na educação básica chega muitas vezes de forma distorcidas, como no caso dos índios, quando em 19 de abril - dia do índio, são propostas atividades a exemplo de pintar crianças desnecessariamente, sem observar que a pintura indígena exigem todo um ritual e um respeito a tradição dos índios.

Alfabetizar com o suporte da arte passa por um contexto que, realmente valoriza a importância da arte na EJA, é difícil aceitar que no módulo inicial a arte também não seja protagonista nesse embate contra o analfabetismo. Segundo os PCN's: "A escola não dará conta de ensinar todos os conteúdos da arte, mas

precisa garantir um determinado conjunto que possibilite ao estudante ter base suficiente para seguir conhecendo (PCN's,1998, pág. 48). Para tanto podemos dizer que:

O conhecimento da arte no mundo contemporâneo é imprescindível para sentirmo-nos protagonistas de nossa própria existência, para aproximarmos-nos de nossa humanidade. Além do mais, uma pessoa trabalhadora, de classe empobrecida, carece e necessita de oportunidades para vivenciar experiências estéticas, visitar espaços de arte, desenvolver percursos de criação pessoal, cultivados por valores estéticos e éticos, alimentados pela dimensão do sonho, pela leitura sensível e crítica de manifestações culturais, aprendizagens fundadas no sentido da vida (ALVARES, 2012, p.42).

E pensando nesse sentido da vida que ao analisarmos a proposta curricular do primeiro segmento da EJA (MEC junho 2001, p. 4), foi possível observar a ausência da disciplina de Arte na alfabetização, onde a Arte só é citada de forma genérica no Estudos da Sociedade e da Natureza. O currículo torna-se frágil, quando deixa de fora um instrumento tão importante na democratização do conhecimento, na luta pela erradicação do analfabetismo.

Alfabetizador e Alfabetizando perdem muito pela ausência das aulas de arte, pela não vivência do princípio da troca do conhecimento escolar e multicultural, já que na Educação de Jovens e Adultos encontramos estudantes com diversas faixas etárias, experiências, histórias de vida. Não é difícil encontramos estudantes com potencial artístico, principalmente no Nordeste que é um grande polo de manifestações culturais. Por isso.

não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando a escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão de mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte (FREIRE, 2003, p. 85).

A prática social do qual a Arte Popular tem se destacado, sempre nas festividades das tradições culturais sistematicamente, são nesses espaços sócio culturais onde boa parte dos estudantes da EJA estão inseridos, são artistas populares, músicos, dançarinos, repentistas, artesãos, MC's, ouvintes entre outros participantes. Muitos desses, em alguns casos, não são alfabetizados ou só iniciaram a sua escolarização e por alguma situação ou outra não deram continuidade aos estudos. Será que caso esses estudantes tivessem uma

participação mais próxima dentro da perspectiva da sua realidade cultural ao contrário da educação tradicional suas histórias poderiam ser outra, com um melhor aproveitamento do seu potencial cultural, não deixando de compreender que, “na escola básica, a Arte, conhecimento humano sensível-cognitivo, particularmente estético e comunicacional, é presença urgente na história da aprendizagem cultural dos jovens de nosso País, humanizando-se e ajustando a humanizar o mundo contemporâneo” (Brasil, 1999:108)

2.2 A arte como forma de incentivar e motivar a escolarização e a sua continuidade.

Na tentativa de evitar a desmotivação dos estudantes da EJA o professor precisa desenvolver bem suas aulas, nas atividades com arte o professor precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 21). para uma efetiva motivação dos estudantes da EJA é importante além da disciplina de Arte, também seria ideal que, ao invés da metodologia de aulas tradicionais como alguns professores ainda praticam, fossem substituídas por aulas dialética Freireana, utilizando a abordagem triangular de Ana Mae como prática.

A Proposta Triangular consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte). (...) refere-se à uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto” (BARBOSA, 2010, p. 10). Mas para que o estudante chegue a esse grau de conhecimento e ainda conseguir fazer a inferência dos diversos segmentos da Arte é preciso está motivado estreitamente na relação do conhecimento em suas diversas esferas com o ensino de arte dentro da perspectiva cultural que o estudante adquiriu ao longo da vida. Sendo assim, toda a mobilização cognitiva que demanda a aprendizagem requer um interesse, uma necessidade, doses de motivação significativas (TAPIA, 2003, p. 67).

Se a aprendizagem é uma construção que o estudante deve realizar ao fazer interagir as novas informações com os conceitos disponíveis, é

evidente que necessitamos conhecer o estado inicial do seus conceitos-base e seus preconceitos ou ideias prévias que deveremos substituir por conceitos científicos. É importante conhecer também o desenvolvimento das capacidades dos estudantes e o grau de motivação com que iniciarão o processo de ensino. (TAPIA, 2003, p. 74-75)

Jovens, adultos (as), precisam ser reconhecidos (as) como sujeitos de direito, pois, em virtudes das citações de desigualdade presentes na sociedade brasileira, e ausência do estado na garantia dos direitos, lhe foi negado o direito e a educação no passado, e lhes é dificultado no presente. (Capucho 2012, p. 23). Conhecer os estudantes, entender seu perfil social, cultural e cognitivo é fundamental para que a probabilidade de desmotivação seja menor, buscar inserir a arte e a tecnologia no ensino abrindo um leque de possibilidades que faça a interação das demais disciplinas com os diversos segmentos da arte. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando curiosidade epistemológica, sem a qual não o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE 2006 p 25). As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele (BARBOSA, 2008. p. 20).

Toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber (TAPIA, 2003, p. 68), muitos jovens e os adultos que já passaram por uma sala de aula e desistiram, trazem consigo experiências negativas, muitas vezes, não só pela forma dos conteúdos aplicado, mas em muitos casos pela falta de infraestrutura e uma didática inadequada, essa questão negativa pode ser suprida com um ensino de arte de forma contextualizada nas relações interpessoais culturais dentro do eixo das artes contemporânea trazidas para dentro das salas de aula não só nos períodos das datas comemorativas mas contextualizar como prática no ensino que promove a arte. [...] não basta apresentar ao estudante ora uma obra clássica da arte ocidental, ora uma máscara de alguma tradição africana, ora um produto da cultura de massa. O estudante precisa compreender o contexto de cada uma

dessas narrativas, sua história e suas motivações (funções) sociais. (BRASIL, 2004, p. 187)

A escola, na sociedade letrada, é uma instituição voltada para o desenvolvimento do ser individual, quanto para promover o encontro daquilo que é universal no ser humano. Toda compreensão, por mínima que seja, da expressão artística é uma construção social e histórica. (ALVARES, 2012, p. 44)

Uma boa parte desses estudantes são incapazes de identificar os reais motivos por terem abandonado a sala de aula, alguns não tem a ideia de que o problema pode estar na escola, desde o acolhimento até o processo avaliativo. Enquanto os desistentes assumem a culpa, alegando toda ordem de dificuldades, trabalho, a exaustão diária, a distância para chegar até a escola, entre outros obstáculos, tem outros que apresentam sentimento de culpa de não aprenderem nada, que não tem mais cabeça para estudar, apresentando sempre uma baixa autoestima, quando na realidade esses fatores não são culpa dos estudantes e sim, do conjunto das ideias e da infraestrutura que é proposto a eles. Ainda tem um outro grupo de estudantes que estão com a autoestima em alta, bastante interessados, mas ficam bastante chateados quando acontece alguma mudança na metodologia, quando os professores saem do tradicional apresentando algo novo, Vianna 2005, em seu livro, a arte como instrumento de apoio à autoestima, alerta que a arte é importante na educação e no apoio a autoestima.

A arte, para crianças e adolescentes ou para qualquer faixa etária, é uma efetiva maneira de expressar tudo aquilo que acontece com o nosso interior, nos nossos pensamentos e emoções. Da mesma forma, pode ser valioso instrumento na detecção de problemas que afetam o aprendizado dos estudantes, podendo ser utilizada como instrumento de apoio para que eles possam recuperar a autoestima e a confiança em si próprios (Vianna 2005, p.14)

O ensino da arte seria uma estratégia importante para os professores polivalente da Alfabetização de Jovens e Adultos, podendo utilizar o ensino da arte de forma interdisciplinar dentro dos quatro grandes campos: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, segundo o Parâmetro Curricular da Educação Básica de Pernambuco (PCEB, de Pernambuco 2013, p 18). Ajudaria bastante como instrumento motivacional e na integração dos estudantes e professores, contudo não adianta o currículo a favor da arte, ter o professor e estudantes integrados se

não tiver todo corpo escolar apoiando e dando o suporte necessário para a efetivação plena deste currículo, esse apoio é importante para ir além dos quatro grandes campos da arte, aliando as novas tecnologias e demais segmentos da arte, essa mudança no currículo é fundamental para o futuro da escola queremos.

Transformar a escola, e para coloca-la a serviço da transformação social, não basta alterar os conteúdos nelas ensinados. É preciso mudar o jeito da escola, suas práticas e sua estrutura de organização e funcionamento, tornando-a coerente com novos objetivos de formação de cidadãos, capazes de participar ativamente do processo de construção da nova sociedade. (PISTRAK, 2000, p. 8)

Para Pistrak a mudança tem que iniciar pela escola, nas estruturas, em suas práticas, no conteúdo curricular e inserir os estudantes como protagonista também nesse processo de mudanças, que também servirá de mecanismo para motivação, nesse sentido o professor precisa se ajustar a essas mudanças mantendo uma boa relação na troca de conhecimento respeitando as especificidades dos estudantes e sua forma de expressão cultural por meio do ensino da arte e suas demais áreas. É o professor que atribui qualidades durante as orientações promovidas aos estudantes, valorizando e incentivando-os no fazer artístico e na construção do conhecimento em arte (IAVELBERG, 2012). Com também,

o Ensino de Arte é um instrumento poderoso de resgate a autoestima e do fortalecimento da identidade; da mesma forma, proporciona a inclusão social e a inserção a cidadania e a democracia, dispersando qualquer tipo de preconceito. Inclusive a preparação da descoberta profissional vinculados a visualidades, além de quebrar barreiras entre a arte erudita e popular entre imagens presentes no dia-a-dia (CARVALHO, 2008).

Portanto a aquisição do conhecimento representa um diferencial na vida dos alfabetizados, as melhorias econômicas com a aquisição do emprego ou gerenciando seu próprio negócio, a educação abre caminhos para novas possibilidades, a alfabetização é o pontapé inicial para que tudo ocorra, avaliando o desempenho cognitivo na leitura e escrita, a integração das aulas de arte transversalmente nas demais disciplinas têm um papel importante para o alcance desses resultados. É possível percebermos que nas atividades envolvendo qualquer um dos conceitos de artes é um grande avanço com melhorias nas relações nas trocas de experiências da aprendizagem mútua envolvendo-os em

uma etapa muito importante na educação que é a fase da alfabetização, contribuindo na autoestima para cada passo dado na continuidade e permanência da escolarização.

2.2.1 Arte e a Tecnologia como motivação para os alfabetizandos.

Para Di Pierro (2005), “após realizar uma trajetória escolar descontínua, marcada por insucessos e desistências, retornam à escola em busca de credenciais escolares e de espaços de aprendizagem, sociabilidade e expressão cultural”. Para uma escolarização na EJA que prepare as pessoas com conhecimentos, capacidades, habilidades, competências e valores necessários para que exerçam e ampliar seus direitos, para isso cabe a escola além dos recursos didáticos e pedagógicos utiliza-se de recursos tecnológicos como fator motivacional a favor da alfabetização e no módulo inicial da EJA, fazendo uma integração das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que o modo como os jovens de hoje aprendem é bem diferente do modo como aprendemos no passado.(OLIVEIRA, 2013, apud JORDÃO, 2009). Hoje tanto jovem como os adultos estão, de uma forma ou de outra, inseridos em algum meio tecnológico, cabe ao professor apropriar-se desses meios para atuar pedagogicamente mediando a relação da tecnologia com a educação, a mediação dos educadores é, portanto, fundamental para garantir o sucesso da inserção das tecnologias na educação (UNESCO, 2010). No cenário atual, em um mundo com grandes exigências e cada vez mais globalizado, em constante desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento esse que encurralam Jovens e Adultos, dentre tais, aqueles que nunca ou pouco frequentaram a sala de aula, não deixando muitas opções, colocando-os diante de um dilema: só quem tem valor é quem possui um certificado?

Dentre as motivações para a busca de maiores níveis de escolarização após a infância e adolescência, destacam-se as múltiplas necessidades de conhecimento ligadas ao acesso aos meios de informação e comunicação, à afirmação de identidades singulares em sociedades complexas e multiculturais, assim como às crescentes exigências de qualificação de um mundo do trabalho cada vez mais competitivo e excludente (Di Pierro 2005, p. 1122).

Situação que coloca o alfabetizando frente a dois caminhos, o do estímulo ou do desânimo, cabendo a todos que compõe a sociedade estimulá-los, incentivá-los e antes de tudo ajudá-los na busca por oportunidades que ofereçam condições, para que o aprendizado não se restrinja simplesmente à alfabetização, mas que exijamos dos órgãos de educação, a oferta de cursos para formação técnica profissional, podendo ser no campo tecnológico na informática, integrado a modalidade da EJA. A proposta existe de acordo com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mas é necessário cobramos das autoridades educacionais para que assim aconteça, como também alternativas que favoreça a continuidade da escolarização que incentive e facilite o acesso ao ensino superior.

É preciso fortalecer o processo de aprendizagem na direção da valorização das experiências vividas, dos saberes construídos fora do ambiente escolar, de forma a levar em consideração e respeito às especificidades do educando enquanto sujeito individual e coletivo. Hoje temos tecnologia necessária para resgatar, agregar e divulgar saberes. Com relação a infraestrutura o que falta é investimento de forma que atenda tecnologicamente as necessidades exigida pelo mercado do trabalho, mas é preciso vontade política para que isso ocorra, pois nem sempre temos uma proposta curricular tecnológica que promova a inclusão social, ao contrário tem um problema a ser enfrentado, o qual seja,

Um dos problemas enfrentados pela EJA, historicamente, tem sido decorrente da tendência predominante das propostas curriculares à fragmentação do conhecimento, e à organização do currículo numa perspectiva cientificista, excessivamente tecnicista e disciplinarista, que dificulta o estabelecimento de diálogos entre as experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos pelos educandos e os conteúdos escolares (Oliveira, 2001, p. 97).

Segundo Freire, o diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos” (FREIRE, P. 2006, p. 81). Na alfabetização é preciso entender que quanto mais fazer uso do diálogo em sala de aula, mais conhecemos nossos alfabetizandos, maior será a nossa interação e melhor será a relação entre todos. E a arte tem uma diversidade de segmento com capacidade de mediar o ensino de diversas formas usando as Tecnologia da

Informação e da Comunicação (TICs) ou de forma direta ludicamente por meio de trabalhos artesanais, artes visuais, com a estética por meio de danças e teatros, pois, ensinar exige disponibilidade para o diálogo (FREIRE, P. 2006, p. 135). O diálogo é parte importante no papel do educador. Em sala, ou fora dela, o professor alfabetizador precisa conhecer cada um de seus alfabetizandos, pois é nessa fase inicial que o alfabetizando precisa ser motivado, estimulado, encorajado e conscientizado da importância que é a continuidade da sua escolarização e nada melhor do que as possibilidades que a arte propõe com atividade que ajude os estudantes a expressar o seu eu na arte da sua cultura interior. Para Leite a tecnologia é:

Para formar o indivíduo crítico, a escola deve participar do processo de mudança, repensando as várias questões introduzidas pelo uso de novas tecnologias, em especial no que diz respeito ao público da Educação de Jovens e Adultos. A escola precisa problematizar desafiar e agregar conhecimento. Os métodos interativos deverão substituir a mera transmissão de conteúdo, adotando novas práticas a fim de formar indivíduos pensantes, superando o modelo tradicional de ensino (LEITE, 2008, p.72).

Segundo Gadotti, “não existe tempo ou espaço próprio para a aprendizagem, à aprendizagem está em todo lugar e é preciso aprender sempre” (GADOTTI, 2000, p. 250.). Nunca é pouco enfatizar que é na fase da alfabetização que o educando precisa de um maior incentivo para estimulá-lo a superar os desafios que são mais pesados no início, na fase da alfabetização, e aproveitar os diversos aspectos artísticos involuntário e inconsciente que cada jovens e adultos tem, em seu perfil sociocultural, para ser expressado, mesmo que seja a primeira vez que esse alfabetizando frequente uma sala de aula, no ensino formal ou não formal. Para Cunha (2012), um dos problemas enfrentados na atualidade diz respeito a como se usar as tecnologias digitais para o ensino de arte, e conseqüentemente à necessidade de haver professores especialistas em arte que estejam aptos para lidar com as tecnologias digitais.

Ensinar despertando o interesse do estudante para o uso da tecnologia como um instrumento de suporte no processo da alfabetização de jovens e adultos com ênfase na escolarização ao longo da vida é muito importante. É fundamental entender que estamos na época do imediatismo tecnológico onde tudo ocorre e transforma-se com uma velocidade surpreendente. Os estudantes

hoje, independentemente da idade, não têm mais paciência com as formas analógicas da vida, não acham interessante fixar os olhos por muito tempo em uma só coisa, a concentração seleciona o tempo, os motivos e os propósitos de cada indivíduo, que passa utilizá-la para o que realmente importa.

Sabemos que as tecnologias estão presentes em nosso cotidiano não apenas em forma de suportes, mas de cultura. De fato, as tecnologias ampliam nossa visão de mundo, modificam as linguagens e propõem novos padrões éticos e nova maneira de apresentar a realidade. Conseqüentemente, a escola – seus dirigentes e professores – devem discutir e compreender seu papel nos processos de ensino e aprendizagem. (MEC, 2003, p.9)

Hoje, mais do que nunca a tecnologia vem fazendo a diferença em todas as áreas do conhecimento e do mundo do trabalho, um simples aparelho de celular faz uma grande diferença em todos os segmentos da sociedade principalmente nas escolas se for pedagogicamente utilizado. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem dar continuidade ao desenvolvimento da linguagem escrita entre outros suportes comunicacionais, com as diferentes mídias, a interação com o celular abre novas possibilidades para levarmos os estudantes a essa nova realidade em um mundo em que a tecnologia evolui de forma muito rápida, a qual se faz necessário uma nova abordagem para as atividades pedagógicas, onde a arte pode ganhar um reforço de peso em dias tão difíceis, nesse cenário de descaso com o meio artístico e nas expressões culturais dos diversos grupos sociais. É fundamental utilizarmos cada vez mais a tecnologia pedagogicamente no ensino da arte nos meios educacionais, reproduzindo a toda sociedade, deixando um rastro positivo na história. Portanto ao utilizarmos as TICs como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem das artes, é importante que se saiba a finalidade pedagógica, pois quando não sabemos como usar, podemos ocasionar a prática de violência velada que não contribui em nada para aprendizagem.

Entretanto, como frequentemente as tecnologias móveis não são consideradas, ou são proibidas nas escolas, os educadores não tiveram oportunidades para ensinar os estudantes sobre como utilizá-las de forma responsável. As escolas têm boas condições para fornecer orientação sobre os usos adequados e produtivos dos aparelhos móveis e, em muitos casos, é improvável que os estudantes recebam essa orientação em outros lugares. (Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. 2014 p 39)

No tocante às políticas que fomentem o trabalho da disciplina de arte como o uso das novas tecnologias na alfabetização do primeiro módulo da EJA, consideramos um problema por não existir o que tem deixado professores polivalentes sem respaldo para atuar, em formação inicial e continuada, com escolas mal estruturadas e recursos tecnológicos abaixo das expectativas dos estudantes. Público esse que já vem se inserindo e fazendo uso de recursos tecnológicos de forma mais rápida há um bom tempo, enquanto isso a escola caminha a passos lentos na atualização de seus recursos. E aí vem o nosso segundo maior problema, apresentar a nossos estudantes os caminhos que os conduzam a arte, mediando formas que os façam se reconhecer aptos para apreciação e produção de artes.

Nossos estudantes precisam entender o que é arte, e a capacidade que a arte tem de dialogar com as várias esferas do conhecimento; por meio da tecnologia a arte há um bom tempo vem se manifestando ora conscientemente ou inconscientemente na vida de todos. Mesmo porque a arte passa em suas vidas sem ser notada como produção expressão artística, simplesmente por desconhecimento. A exemplo podemos citar as vezes que, tanto professores quanto estudantes, fazem uso das tecnologias móveis para produções artísticas quando da divulgação de mensagens audiovisuais e imagéticas, que circulam nos aparelhos móveis através de aplicativos de comunicação como o WhatsApp, Messenger, Instagram e outros.

As tecnologias móveis estão em constante evolução: a diversidade de aparelhos atualmente no mercado é imensa, e inclui, em linhas gerais, telefones celulares, tablets, leitores de livros digitais (e-readers), aparelhos portáteis de áudio e consoles manuais de videogames. No futuro, essa lista será diferente (Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. 2014 p 8)

Pois, a partir do momento em que os estudantes na escola ou em seu cotidiano têm iniciativas de gravar uma música, ou uma rima, alguma encenação de dança ou situações de seu cotidiano, fotografar algo que os chamem atenção para depois exibir com algum tipo de equipamento tecnológico seja celular tablets, câmeras entre outros, ele também está fazendo arte. A tecnologia ocupa um

espaço de destaque na sociedade, o crescente avanço tecnológico tem propiciado a todos, o acesso aos meios tecnológicos, para algumas classes uma tecnologia de ponta moderna bastante avançados, para outras, uma mais simples nem tanto avançada, com recursos inferiores, mas que faz uma grande diferença para essa classe e dependendo de qual segmento essa tecnologia seja aplicada ela torna-se bastante significativa.

A tecnologia móvel foi e ainda é uma das mais importantes descobertas de nossa história, a exemplo dos aparelhos de telefonia celular, os tablets e notebooks; a utilização desses aparelhos móveis vem crescendo aceleradamente por jovens e adultos, para as novas gerações isso é fantástico, magnífico, quanto mais utilitários maior é sua aplicabilidade no dia-a-dia, pena que tantos recursos com aplicativos que podem ser utilizados para promover a mediação da aprendizagem nas artes, ainda são pouco utilizados na educação, podendo ser fundamental no processo de ensino e de aprendizagem nas diversas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, do ensino fundamental ao ensino médio até as pós-graduações. Para Kalinke,

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos estudantes estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado. (Kalinke 1999, p.15)

Algumas das vantagens da tecnologia móvel na educação é o acesso rápido a informações de diversas fontes, outra forma de aplicação da tecnologia móvel na educação é nas aulas com temas transversais onde é possível inserir as diversas disciplinas entre si, ainda temos a tecnologia móvel como uma grande aliada na inserção da Arte em suas diversas formas em nossas salas de aulas, trabalhando das artes cênicas valorizando a estética até a arte visual onde é possível valorizarmos diversos gêneros da arte visual, enfim a tecnologia móvel pode facilitar em muito a vida de professores e estudantes. Mas nem tudo são flores existem alguns pontos negativos que precisamos da compreensão de todos para que não utilizemos esse instrumento tecnológico tão importante em um

círculo vicioso e fora do contexto educacional. Para Evangelista, “uma solução para aplicar essas propostas pedagógicas relacionadas ao ensino da Arte é a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como ferramenta auxiliar durante as aulas” (2011, p. 3).

2.3 O ensino da arte ontem e os reflexos nas aulas de hoje

A Arte chega no Brasil no período da colonial por imposição do modo de produção acadêmico e elitista que provocou um distanciamento entre a arte e o povo com as artes plásticas que ganharam um contorno neoclássico sendo destinadas exclusivamente às Igreja e as elites brasileira. Já na Educação, após o ensino do desenho, o ensino da Educação Artística não era obrigatório, portanto não reprovava, mas também não era atrativa os métodos apresentados não dialogavam com os estudantes, fazendo com que esses estudantes não valorizassem e não tivessem interesse pela Arte, as aulas eram totalmente esvaziadas, com professores aproveitados de outras disciplinas meros repassadores de teorias desconectadas das práticas, a maioria das aulas ainda eram vista como aulas de desenho. Portanto:

Com a abolição da escravidão em 1888 e a queda da Monarquia em 1889, há uma aproximação dos ideais do liberalismo americano e do positivismo francês na política, com isso surgem novas leis da educação e a reforma do ensino republicano em 1890. O ensino do desenho é incluído no currículo e torna-se obrigatório no ensino primário e secundário, “visando preparar o estudante para o trabalho e contribuir para seu aperfeiçoamento intelectual” (MOSANER E STORE, 2007, p. 147)

Ana Mae Barbosa em seu livro *Arte Educação e Cultura* diz que Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, (Kindle 31-32 acessado em 2019). Portanto devemos refletir sobre a escola e o contexto no qual esta foi inserida na sociedade e o modelo de ensino que se pretende propiciar aos seus estudantes. A atividade artística resulta da necessidade fundamental do homem de superar os limites da mera sobrevivência, criando novas necessidades eminentemente humanas que vão além do atendimento ao apelo primário do alimento e do abrigo, incluindo-se “(...) os sentidos ‘ditos espirituais’, os sentidos práticos” (MARX; ENGELS, 1986, p.49). Nesse sentido a

partir da observação do desenvolvimento teórico e prático, as ações devem ser voltadas ao conhecimento da arte dentro da realidade cultural de cada com perspectiva para uma educação emancipadora que os preparem para a vida, formando estudante consciente criticamente, sobre a importância do conhecimento escola e o seu papel perante a sociedade, para tanto Peixoto argumenta que:

Quanto mais democratizado e mais intenso for o conhecimento e o contato dos indivíduos com tudo o que a humanidade historicamente construiu e lhes legou: a técnica, a ciência e a tecnologia, as formas de organização e de relações sociais criadas, assim como a filosofia e a Arte, melhores serão suas condições e chances de se tornarem humanos, em sentido estrito. (Peixoto, 2005, p.3)

De acordo com o argumento citado acima e referindo-se exclusivamente ao ensino da arte entendemos que ensinar Arte é muito mais do que simplesmente desenhar ou pintar, para alguns professores o ensino da arte é simplesmente entregar uma folha de papel em branco para o estudante rabiscar e pintar. É preciso levamos a uma maior reflexão em todos os níveis escolar como também na EJA, principalmente nos módulos iniciais para que tenha um currículo abrangente que norteie todas formas de expressões artísticas rompendo com qualquer forma de acomodação do ensino e seus aspectos tradicionais.

[...] quase quatro séculos do ensino de arte no Brasil foram baseados, exclusivamente, na concepção de ensino de arte como técnica. No entanto, essa concepção de ensino não ficou restrita apenas a esse período histórico, pois ainda hoje encontramos nas práticas escolares essa concepção de ensino de arte, que vem manifestando através do ensino do desenho geométrico, do ensino dos elementos da linguagem visual, descontextualizada da obra de arte: na produção de artefatos, utilizando-se de elementos artísticos para a sua composição; na pintura de desenhos e figuras mimeografadas (SILVA, 2005, p. 49).

Há algumas décadas com as aulas de educação artística, a prática era o professor sentado em frente ao quadro, onde mandavam os estudantes desenhar, algumas vezes algo livre outras vezes algum desenho para cobrirem e depois pintar, aproveitando geralmente as datas comemorativas para fazer recortes de revistas de algumas figuras, desenhos para pinturas nessas datas como: Carnaval, dia do índio, fazer coelhinhos para a páscoa, bandeirinhas para as

festas juninas, natal e etc. Em outros momentos as atividades se resumiam em aulas teóricas, bastante entediante com um repertório, repetitivo e enfadonho sem nenhuma atividade que ajude o estudante despertando sua expressão artístico cultural da sua realidade social. No entanto,

As artes visuais ainda dominam na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973 (BARBOSA, 1975, p.86-7).

Mesmo sendo hoje matéria obrigatória na educação básica, muita coisa não mudou, a disciplina de arte ainda é considerada segunda, terceira e até mesmo a última opção nas atividades vivenciadas em sala de aula. Muitas dessas práticas continuam sendo reproduzidas, o uso da arte visual predomina na maioria das atividades vivenciadas em sala de aula, não que isso seja ruim, mas não adianta trabalhar a arte em cima só de um conceito sem uma contextualização que a aproxima das demais áreas da arte ampliando o repertório, permitido aos estudantes a oportunidade não só em fazer a Arte, mas de interpretá-la e comunica-se por meio dela. Na EJA a arte pode e deve ser trabalhada a partir dos saberes dos estudantes com a representação de si, que pode acontecer através das TICs pelo uso das tecnologias digitais, visitas a museus, parques, centros culturais entre outros espaços, utilizando os recursos audiovisuais que permeiam a visualização do quanto que a arte atravessa o cotidiano das pessoas de modo geral e dos estudantes da EJA de modo particular.

O grande desafio do ensino da arte, atualmente é contribuir para a construção da realidade através da liberdade pessoal. Precisamos de um ensino de arte por meio do quais as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre a arte e a vida. (Richter 2003, p. 51)

Por causa do direito dos estudantes ao exercício e prática de sua sensibilidade de se expressar em arte e como cidadão, espera-se que seus professores de arte também possam se aperfeiçoar nesse mesmo exercício, incluindo suas competências profissionais (PCN do EM, p.180). Cabe ao professor

atentar para atividades que viabilize o contato e a aproximação dos estudantes com os artistas que com suas práticas podem ser ponte para que outras competências e habilidades dos sujeitos da EJA adquiram o universo complexo das artes de modo geral.

2.3.1 A importância da arte contemporânea nas aulas da EJA

A arte contemporânea reflete a liberdade da criação tão almejada pelos artistas, é uma tendência que a partir da metade do século XX, surgiu da ruptura com a arte moderna. Ela rompe com paradigmas do Modernismo trazendo valores para novos segmentos abrindo espaço para diversos outros estilos. Um desses estilos é a fotografia. Linguagem visual que mesmo não sendo no início de sua história considerado oficialmente uma Arte, mas com a revolução industrial, o avanço tecnológico e o melhoramento das câmeras fotográficas trouxeram mais qualidade ao registro de cenas reais do cotidiano, sendo só aceita na década de 70 como arte. Apesar de ter servido de apoio desde as primeiras obras de arte contemporâneas de Marcel Duchamp e Jackson Pollock, foi a partir dos anos 60 que a fotografia Minimalista surgiu para arte contemporânea proporcionando um exercício de transformação do trabalho artístico em uma mensagem geradora de reflexões sociais, de diálogo entre as mais variadas classes sociais, assim como a fotografia transformou a sociedade, quando surgiu ela ainda hoje mantém esse poder de transformação, tanto para quem fotografa, como para quem é fotografado.

Podemos expandir essa expressão da Arte para as salas de aula da EJA como um grande auxílio, pois é uma excelente fonte de pesquisa e incentivo aos estudantes. É uma forma independente de fazer arte, que se faz presente em todos os momentos da vida dos estudantes, não dependendo de uma grande infraestrutura escolar para a sua vivência, um exemplo bem prático é a criação de um concurso de fotografia como atividade, bastante interessante no despertar do interesse dos estudantes pela arte, como também uma forma de trabalhar a interpretação linguística das imagens, para isso é sabido que:

a maioria dos estudantes adultos são especialmente receptivos às situações de aprendizagem. (...) essas pessoas 'se entregam' facilmente a uma experiência estética, manifestam encantamento com os

procedimentos, com os saberes novos, com as vivências proporcionadas pela escola. Tanto como autores, quando executam obras de arte, quanto como expectadores, quando assistem 25 espetáculos ou apreciam exposições de artes visuais, a maioria desses adultos é bastante aberta à experiência artística (ALVARES, 2006, p. 19).

Compreendemos que “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores da vida”. (OSTROWER, 1987, p. 5). A arte contemporânea após a ruptura com a arte moderna, se fez presente na mistura das linguagens, ao mesmo tempo em que pode ser compreendida e assimilada mesmo quando exprime uma sensação de andarmos por diferentes caminhos. A arte contemporânea chega trazendo algumas tendências, tendo como principais movimentos da arte contemporânea: Art Action Painting, Arte Cinética, Arte Conceitual, Arte Povera, Body Art, Expressionismo Abstrato, Hiper realismo, Land Art, Artes Minimalista, Neoconcretismo, Op Art, Pop Art, Street Art entre outras linguagens artísticas. Podendo ser expressada também através da dança, música, moda, fotografia, pintura, teatro, escultura, literatura, performances, happenings, instalações, videoarte, entre outros segmentos da Arte contemporânea. Tendo em vista a dimensão da arte contemporânea Pimentel afirma que:

É preciso conhecer tanto os meios tradicionais quanto os meios que usam tecnologias contemporâneas, para poder escolher qual o mais apropriado como meio de expressão. Para poder pensar artisticamente, é necessário ter pensamento crítico e conhecer os diversos instrumentos de produção artística, ficando bem claro que esse conhecimento não deve ser fim em si mesmo, mas um meio para que se consiga ver, contextualizar, significar e produzir arte. (PIMENTEL, 2007, p. 1).

Para Ferraz e Fussari (1993) por meio da arte o professor pode trabalhar com a sensibilidade, a possibilidade de relação criativa com o mundo, estimulando a expressão e reforçando o Eu de cada indivíduo, ampliando a consciência de suas potencialidades, a consciência do meio e a das possibilidades de atuar sobre ele. Destacamos duas das principais tendências que podemos tomar como base para a iniciação da Arte na escola da educação infantil a Educação de Jovens e Adultos, podendo ser entrelaçadas com outras disciplinas de forma prazerosa e educativa. A primeira é a Pop Art com sua principal característica na transformação de imagens e produtos da mídia em produto artístico, modificações

essa feita de forma bastante crítica, expressando assim o hábito consumista da sociedade moderna. São trabalhos geralmente de grandes dimensões e impacto, carregados de muito humor. A segunda é a Arte Minimalista, com destaque para as fotografias, que podem ser tiradas com câmeras fotográfica ou com qualquer outra mídia que faça registro de imagens principalmente o aparelho de telefone celular. A Arte com fotografias nos leva a pensar que:

A fotografia pode ser um recurso de reflexão para os estudantes, possibilitando “ver” aquilo que, lendo, talvez não pudessem concretizar. Para os mais novos, por vezes prevalece a impressão de que o mundo “já nasceu assim”. Portanto, mostrar quantas mudanças ocorreram – do cotidiano aos grandes acontecimentos – significa demonstrar quanto ainda é possível mudar no futuro. Para os mais velhos, por outro lado, as fotografias podem estar associadas a lembranças de sua infância ou juventude, acontecimentos, modos de vida e hábitos do passado. (BRASIL, MEC 2012, p. 174)

A fotografia minimalista concentrar-se em apenas alguns componentes da imagem, requer uma seleção radical do fotógrafo. Quando essa redução ou vazio fica em destaque prendendo-nos a atenção, a fotografia de uma imagem minimalista foi bem-sucedida. A dificuldade é despertar as emoções do espectador com apenas alguns elementos. Uma fotografia minimalista é uma imagem aparentemente incompleta, concluída na imaginação do observador. Portanto, uma fotografia minimalista também irá desencadear uma ampla variedade de percepções e muitas emoções são sentidas. As fotografias são documentos valiosos para recuperar, ainda que de modo fragmentário, os registros de uma época. Delas pode-se extrair informações acerca das diferentes formas de viver, pensar, trabalhar e conviver em sociedade, a exemplo do que é feito com documentos escritos. (BRASIL, MEC 2012, p. 173)

A foto deve ser entendida como uma leitura parcial da realidade. Como muitos podem pensar que ela revela a “verdade”, é preciso ressaltar que a foto é apenas o registro de um momento e que esse registro pode ser direcionado para o objetivo de quem faz – ou de quem utiliza – a foto. Trata-se de um documento que revela tanto o objeto retratado como um pouco do retratante, de sua perspectiva, de sua ideologia, de suas preocupações sociais, de seus valores culturais, além de revelar também aspectos da história da técnica fotográfica. Dependendo dos recursos de que o professor dispõe no curso de EJA, ele poderá dar continuidade à atividade explorando um ou todos esses aspectos. (BRASIL, MEC 2012, p. 175)

Pois “tanto o pintor como o fotógrafo precisam sempre efetuar uma escolha para recortar na continuidade do mundo, o campo significativo que lhes interessa” (Miriam Leite, 1993). Estudos destacam que a arte pode ser feita com uma câmera fotográfica, com aparelho de telefone celular, ou ainda podemos usar outro meios de captura de imagens, os aparelho de telefone celular, hoje tão propagado, que no Brasil chegou a superar a marca de um smartphone por habitante e hoje conta com 220 milhões de celulares inteligentes ativos, de acordo com a 29ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), divulgada no dia 19 de abril de 2018. Entre um proprietário de aparelho celular há uma relação diferente, não só com o dispositivo, mas com a Arte realizada por meio da fotografia criada pela câmera do celular. É uma intimidade muito grande que se entrelaçam com muita facilidade, hoje o celular não é mais um simples instrumento de comunicação é um estilo de vida que demonstra uma necessidade, expressando uma forma significativa de bem-estar, há quem fale em um excesso de intimidade.

A UNESCO acredita que as tecnologias móveis podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais para estudantes em diversos ambientes. Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, tablets – são utilizados por estudantes e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras (Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. 2014 p 8)

Aproveitando essa relação, essa intimidade entre os jovens e adultos e seus aparelhos de telefone celular para expandir esse conceito de artes para todos, podemos começar pelas escolas, inserindo a arte fotográfica, trabalhando principalmente nas aulas de arte e de forma transversal nas demais disciplinas.

A fotografia no ensino da arte é uma forma de registrar sua própria expressão é ter sua própria referência sólida sobre arte, tal é como para um artista plástico sua arte, é uma forma de alfabetizando da EJA adquirir uma compreensão mais crítica da sua realidade social, fascinantemente ressurgiu na atualidade como uma questão que está longe de ser ultrapassada, retomando-se cada vez mais atenção sobre as afirmações culturais e conquista na

independência da arte de forma democrática, longe dos dogmas capitalista que sempre ditaram as regras do que é arte ou não.

Segundo Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. (2014 p 8) “As tecnologias móveis estão em constante evolução”, e o *mundo da fotografia cresce por meio de aparelhos de telefone celular de forma direta e sem rodeios, com uma linguagem franca que prende a atenção de vários grupos adeptos de fotografias amadora e profissional, fazendo-os enxergarem o profundo amor que o ser humano traz desde os primórdios pela representação do seu cotidiano em imagens até os dias de hoje.* Para Luigi Pareyson (1997) o ato de contemplação de uma imagem, é um estado de quietude e calma que se olha o objeto e de extrema receptividade, no qual se deixa o objeto ser, na sua verdadeira natureza. A contemplação da fotografia pode levar os estudantes a expressar o seu sentimento na arte, expressado por meio de sua leitura, portanto o resultado da leitura da imagem refletir o grau de sua aprendizagem no ensino da disciplina de Arte.

A leitura da imagem deve preceder a leitura de textos sobre a imagem: as legendas, por exemplo, *a priori* conduzem o olhar e definem o tema da foto, tornando-se dispensáveis logo no início da atividade. O texto pode ser incluído a seguir, como elemento que informa, confirma ou contradiz as hipóteses levantadas pelos estudantes. Pode-se até mesmo solicitar que, a partir de suas observações iniciais, os estudantes elaborem um pequeno texto, produzam legendas curtas ou atribuam à foto um título que sintetize o tema enfocado. (BRASIL, MEC 2012, p. 175)

Vivemos um momento único no processo das artes visuais onde a fotografia nos permite refletir, fazendo uma leitura sobre uma imagem de forma única, onde aquilo que você ver outras pessoas não conseguem, só depois da manifestação fotográfica apresentada e explicada é possível outras pessoas também sentir a mesma sensação podendo ir até mais além, independentemente do tipo de aparelho fotográfico que foi usando, ou da capacidade do equipamento, muito sofisticados ou não, mas com um simples aparelho de telefone celular, é possível que tenhamos o acesso democrático a arte.

Em termos gerais, os movimentos minimalistas se caracterizam pela austeridade e síntese, inclusive dos meios e usos da abstração. Enquanto aspecto filosófico, o minimalismo irá adequar às necessidades da vida aquilo que é

realmente essencial, descartando as futilidades no caminho da realização pessoal. Por conseguinte, no campo das artes, podemos destacar que, normalmente está representado de forma abstrata e “crua”, de modo a revelar a origem do que se produz e a natureza dos materiais que compõem a obra minimalista, a qual, via de regra, interage com o público.

Não por acaso, Duchamp afirmaria mais tarde que "será arte tudo o que eu disser que é arte" - ou seja, todo acervo artístico que nos foi legado pelo passado só é considerado arte porque alguém assim o disse e nós nos habituamos a admiti-lo. Donde se conclui que La Gioconda, de Da Vinci, ou O Enterro do Conde de Orgaz, de El Greco, não seriam mais arte do que um urinol ou uma pá de lixo: todos dependem de uma reconstituição atual de seu sentido (como funcionamento da obra), e somente nesse funcionamento, do qual faz parte o sujeito, é que a obra se justifica como arte. Isto é, além de nos indicar que a arte precede e prescinde a maestria formal, o ready-made nos faz ver que o objeto deixa de ser arte no momento em que deixa de propor, para si mesmo, novas interpretações — no momento em que deixa de fazer um novo sentido. (Marcel Duchamp, artista francês, precursor das tendências minimalistas e conceitualistas da segunda metade do século XX, Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$marcel-duchamp](http://www.infopedia.pt/$marcel-duchamp) 2016)

É bastante interessante a sua observação, num plano sociológico e político, e em teoria por uma razão: a autonomia da arte ao longo da história sempre foi submetida a um lado da vida social e acomodou-se na qualidade de representação (representação burguesa). Mesmo ainda sendo assim, em muitos segmentos da arte ainda hoje, a arte chega para quebrar paradigmas e em cada avanço tecnológico essa conduta da Arte ganha mais força, podendo-se até se levar a arte para todas direções; o que nos leva às salas de Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, trabalhando interdisciplinarmente o ensino da Arte, levando os alfabetizando a uma inicialização artística, e quem sabe influenciá-los a um futuro promissor de acordo com seu interesse cultural.

Sendo assim, a proposta pode ser bastante consistente no papel da escola comprometida com o ensino da Arte também na alfabetização e nos módulos iniciais da EJA. “[...] será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar conteúdo programático da educação ou da ação política” (Freire, 2001, p. 86).

O trabalho com a arte tem inúmeras possibilidades, mas o que importa é que possa ser qualitativamente bem-feito e desenvolvido com bastante competência. Para isso, o professor precisa saber arte, ou seja, pesquisar, conhecer e aperfeiçoar-se continuamente no campo artístico e estético. Precisa encontrar condições para aprimorar-se tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar de arte. E saber proporcionar aos estudantes condições para aprimorarem-se criticamente dos conhecimentos e prosseguirem de forma sensível, intelectual e criadora. (FERRAZ, FUSARI, 2009, p. 27)

Dentre todos os meios de comunicação humana, o visual é o único que não dispõem de um conjunto de normas e preceitos, de metodologia e nem de um único sistema com critérios definidos, tanto para a expressão quanto para o entendimento dos métodos visuais. (Donde, 1991). Uso da fotografia em sala de aula, é uma excelente fonte de pesquisa e incentivo aos estudantes, é uma forma de despertar o interesse deles pela arte e pela interpretação linguística das imagens, não podemos cair na mesmice tradicional da exclusividade da linguagem textual, compreendemos sua importância, mas com a linguagem visual das fotografias podemos transformar a linguagem visual em linguagem textual, deixando tudo muito mais agradável e empolgante.

É preciso seguirmos adiante, pois as imagens são extremamente importantes como auxiliares na compreensão de conteúdos e conhecimentos. Infelizmente nossos estudantes de modo geral pouco ou nunca foram despertados para terem interesse pela Arte e nem tão pouco em atividades que envolvam análise de imagens e fotografias, porém nunca é tarde para se começar, precisamos correr atrás dessa alternativa tão atrativa.

3. METODOLOGIA

Para realizar a pesquisa, foi adotada a metodologia qualitativa, de cunho etnográfico, na qual o pesquisador procura compreender e explicar o fenômeno estudado por meio da observação de resultados apresentados e de dados documentais oficiais e não oficiais do currículo no ensino formal e possivelmente no ensino não formal da Educação de Jovens e Adultos, entre outros, possibilitando acrescentar algumas reflexões acerca do referido tema.

A utilização da investigação qualitativa na avaliação não se afasta muito das definições tradicionais de investigação, mas na presente seção vamos

afastar-nos daquilo que é habitual. O que nos propomos discutir não é normalmente considerado como investigação, podendo ser talvez melhor caracterizado por uma arguição. Ainda que estejamos de acordo com isto, vemos vantagens na sua utilização.

Segundo BOGDAN e BIKLEN: “Aquilo que discutiremos é a aplicação da abordagem qualitativa, ou seja, o modo de pensar e a recolha de dados qualitativo relativos à vida diária dos professores e de outros agentes educativos”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 283)

Uma pesquisa de dados bibliográficos e análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (Ludke e André, 1986.).

Posto isso, a pesquisa qualitativa, com enfoque etnográfico, se aproxima da investigação educacional, pois o educador que socialmente interage com seus sujeitos de pesquisa passa a se engajar e fazer interpretações dentro do mesmo mundo social. Desta forma, o meio educacional é propício como campo para pesquisas interativas, bem como será útil para o desenvolvimento deste estudo.

Para tanto, a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escritas, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007). Tendo em vista essa dimensão fica claro existir diferenças entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

Como metodologia, nos apropriamos de uma pesquisa bibliográfica, pautada em obras de diversos autores de acordo com as referências deste trabalho, assim como, analisamos o que dispõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96 e a BNCC - Base Nacional Comum Curricular no que tange a modalidade de Educação de Jovens e Adultos e as demais Diretrizes Curriculares da mesma no âmbito, Municipal e Estadual.

Em termos de organização da pesquisa inicialmente nos preocupamos em caracterizar a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, identificando as especificidades, entender e compreender a diversidade e as diversas experiências, pois não é unicamente uma especificidade que encontramos na EJA, são diversas especificidades em uma única modalidade.

A pesquisa nos permitiu problematizar verificando como vem sendo aplicado o currículo do ensino de Arte nas instituições educativas municipais e estadual na EJA, possibilitando assim um melhor entendimento acerca da proposta atual para a modalidade na prática e teoricamente.

4. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Hoje mesmo com a obrigatoriedade do ensino da arte na Educação Básica estabelecido pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional em seu § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica (LDB 2ª edição Atualizada até junho de 2018, p.19). Ratificada pelas Lei 13.278/2016 que inseri As artes visuais, a dança, a música e o teatro como linguagens que deve constituir o currículo do Ensino da Arte na educação Básica, contudo ainda é perceptivo o descompromisso nas grades curriculares da Educação de Jovens e Adultos, a falta de aplicabilidade da disciplina de artes ainda persiste, principalmente no que diz a respeito a § 6ª As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo (LDB 2ª edição Atualizada até junho de 2018, p.20).

Vamos dá um desconto já que essa obrigatoriedade ainda está recente a Lei 13.278/2016, tem pouco tempo, em comparação a outras leis da Educação, mas não podemos relaxar aceitando a acomodação dos governantes, pois estamos passando por mudanças nas políticas educacionais do MEC, e ainda não sabemos como ficará, com um Ministério da Educação que não respeita as necessidades da comunidade escolar, adotando práticas neoliberais que sinalizam para que disciplinas como Artes, Filosofia e Sociologia simplesmente não tenham o mesmo respaldo que as demais disciplinas. Porém, como tudo isso é fácil de

entender que recursos financeiros para essas disciplinas como também para EJA, não será fácil.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente pelo aspecto de sustentação legal para essa prática e por considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). (PCN's, 1998, pág. 26).

Diante dos dados obtidos pela pesquisa em pauta, observamos que no parâmetro curricular existe a inserção do ensino da Arte para uma boa parte dos segmentos da EJA e pronto, como se com isso, tudo tenha sido resolvido.

Entretanto, não podemos afirmar que a Arte tem sido trabalhada na sua integralidade. Precisamos dos investimentos em infraestrutura e em formação inicial e continuada para os professores. Apesar de atualmente o Ministério da Educação não demonstrar interesse na formação de uma sociedade reflexiva pensante, se contrapondo o que regulamenta a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB), que diz “é obrigação da coordenação política nacional de educação, articular os diferentes níveis e sistemas para exercer uma função normativa que relacione todas instâncias educacionais onde toda comunidade escola seja ouvida” (BRASIL, 1996), questionamos o seu papel, pois, diante de um mundo de culturas e saberes globalizados, a política educacional vigente tem deixado a desejar no que se refere aos investimentos em políticas voltadas a Educação de Jovens e Adultos e a implementação permanente do ensino da Arte e da cultura de forma integral ou inserida precisamente de forma transversal nas demais disciplinas, proporcionando novas visões e novas experiências a serem vivenciadas na articulação teoria e prática, tanto por estudantes quanto por professores.

Neste ponto, se faz necessário o uso com propriedade de mecanismo que integre toda comunidade escolar com ações e atividades que propicie aos professores cada vez mais liberdade de atuação por meio do que chamamos de

currículo “oculto” com conteúdo e procedimentos que envolvam mais os estudantes e seus aspectos culturais nas aulas de arte.

Enquanto considerações, lembramos que podemos utilizar a Artes e a tecnologia como instrumentos de ligação entre estudantes e toda comunidade escola e os demais segmentos da sociedade, mas para isso o professor tem um papel fundamental nessa integração.

Nessa perspectiva, as intenções estão relacionadas às razões sociais da escola. De certa forma, isso remete ao trabalho pedagógico, que imprime a realização da (re)produção cultural, como também da desconstrução, construção, criação, recriação e interação das culturas de diferentes tipos de sujeitos sociais. (PCA/PE/EJA 2013, p 16).

Assim sendo, devemos nos aprofundar nos diversos segmentos da arte, a exemplo da fotografia, pesquisando os meios culturais que envolve os estudantes, os impactos da relação da arte com as novas tecnologias principalmente nas relações com as TIC's e demais sistemas digitais motivando os estudantes da EJA a expressar de forma contextualizada suas expressões culturais na construção de uma educação crítica, emancipadora e consciente de seus direitos como sujeitos sociais.

É nesta relação da Arte com a EJA, onde podemos tirar os estudantes do seu estado natural, elevando seu conhecimento, sobre tudo de forma reflexiva, onde é possível viajamos no tempo, visitar locais e comparar o presente e o passado, apreciando e estudando de uma forma diferente, interessante e prazerosa o passar dos anos, a natureza, o estado da Arte e suas diferentes linguagens, fazer com que os estudantes reflitam sobre esse cenário que só a Arte possibilita no próprio ensino da arte como também integrada nas demais disciplinas.

Neste sentido é importante deixarmos claro que o ensino da arte não pode ser exclusividade só de alguns níveis da educação, nada justifica a não integralidade do ensino da arte para os demais níveis, principalmente para a Alfabetização no módulo inicial EJA. A arte sempre teve um importante papel para humanidade, superando as mais variadas dificuldades ao longo da história, dos conflitos ideológicos aos desgovernos das várias épocas, cabendo hoje como

ensino da Arte se impor como disciplina que produz criações que transite em todos cenários da educação, reafirmando a sua importância para todos os segmentos da EJA, sem exceção entre seus módulos e como uma base de incentivo para os desmotivados na Alfabetização. Segundo Freire, o diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos” (FREIRE, P. 2006, p. 81). Tal como foi percorrido nos objetivos desta pesquisa.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve (...) Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, sem a arte, porque é impossível o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento representacional que caracterizam a arte. Se pretender uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial por desenvolver a percepção e a imaginação, para capturar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessárias à modificação dessa realidade. (BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 1991, p.45)

Nesse sentido é importante o incentivo dos estudantes a partir dos primeiros momentos dos estudantes com a escola, e se possível até antes mesmo desse estudante conhecer seu espaço escola, fica difícil imaginar um estudante em Alfabetização chegar até a sala de aula, sem ter sido incentivado antes, sem uma contínua motivação no decorrer de sua escolarização [...] estimula a inteligência e contribui para a formação integral do indivíduo, sem ter o foco na formação artística em si, por essa razão pode-se considerar que a arte se coloca como um trabalho educativo importante para a dimensão humana. (QUADROS, 2011, p. 55). A Arte precisa cada dia mais ser vivenciada, pois seu processo de evolução é notável e a EJA tem um importante papel a cumprir para a desmistificação da arte e sua disseminação, pois caso isso não ocorra com uma certa frequência continuaremos em muitas escolas presos em qualquer lugar do tempo. Não inserir a disciplina de arte no currículo do módulo inicial da EJA, desconsidera a realidade da modalidade é desprezar um reforço de peso no combate as dificuldades que causam desânimo dos educandos e concomitantemente estagna a luta para erradicar o analfabetismo.

Não podemos nos conformar com os números apresentados pelos institutos de pesquisa, temos que sair da lista de países com grande número de analfabetos, não pelo o determinar da natureza, mas que seja pela ação da educação tendo a Arte como artifício, precisamos acabar com o analfabetismo, não com a Educação de Jovens e Adultos, para isso é preciso pedagogicamente refletir sobre a importância do ensino de arte na Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, apresentando instrumentos significativos de transformação que passe conhecimento e credibilidade capaz de conscientizar os responsáveis na elaboração do currículo da EJA a uma reflexão pedagógica, observando o processo formativo na perspectiva de uma formação inicial e continuada em que o ensino da arte esteja inserido contextualmente, em nível de conhecimento que dialogue com as demais disciplinas, possibilitando a construção de um modelo de educação que aponte para um conhecer permeados por motivação, não só na alfabetização na EJA, mas durante toda escolarização de forma permanente e ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Sonia Carbonell. Arte e Educação Estética para jovens e adultos: as transformações no olhar do estudante. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ALVARES, Sônia Carbonell. Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Educação Estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com os jovens e adultos. São Paulo: Telos, 2012.

BARBOSA, A. M. 1975. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo, Cultrix.

CANCLINI, N. 1980. *A socialização da arte*. São Paulo, Cultrix.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Editora Cortez, 1997(1ª edição) e 1999(2ª edição) 200 pgs. (Kindle 31-32 acessado em 2019).

BARBOSA, A. M. **Arte na educação para todos**. In: V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras. 2000, Brasília. Anais, Brasília: 2000, p. 6-12. Disponível em: <<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf>>. Acesso em: 23 jul.2014.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001

BARBOSA, A.M, Arte / Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSCO, Maria Cristina. O ensino da arte contemporânea. 118f. Dissertação (mestrado). Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2011.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Media e Tecnologia. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

BRASIL. Parâmetros curriculares do ensino médio – MEC, 1999.

_____. Ministério da Educação. Brasil Alfabetizado. Brasília: MEC, 2003.

_____. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

BRASIL, Ministério da Educação, História na Educação de Jovens e Adultos, 2012 http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_historia.pdf

BRASIL. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>.

BRUNEL, Carmen. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Medicação: 2004.

CARVALHO, Lívia Marques. **Ensino de Artes em ONGs**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

CANDA, C. N. Conscientização e Ludicidade na Educação de Jovens e Adultos: revendo caminhos teórico-metodológicos. **Revista de Educação Popular**. v. 11, n. 1, jan./jun. p. 10-24, 2012.

CAPUCHO, Vera. Educação de Jovens e Adultos: pratica pedagógica e fortalecimento da cidadania/ Vera Capucho. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Renata Michele R. da; BRAZ, Simone G.; DUTRA, Paula O. CHAMON. Edna Maria Q. de O. Os recursos tecnológicos como potencializadores da interdisciplinaridade no espaço. 2012.

CONFINTEA VI, 2009, p. 6 © 2010 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

DI PIERRO, Maria Clara. Construção coletiva: as contribuições à educação de jovens e adultos. In: Políticas públicas de educação de jovens e adultos: trajetórias. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil. Brasília: MEC/ UNESCO, 2005.

Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel, 2014.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo; Martins Fontes, 1991.

Duchamp, Marcel, Duchamp du signe, ed. Flammarion, Paris, 1994. Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$marcel-duchamp](http://www.infopedia.pt/$marcel-duchamp) 2016)

Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p.

EVANGELISTA, Carolinne da Silva. O Ensino da Arte através do Computador: Uma Proposta de Prática Pedagógica para o Ensino Fundamental. V Colóquio Internacional: “Educação e Contemporaneidade”, São Cristovão- SE/Brasil, p. 1-16, Setembro de 2011.

FERRAZ, Maria H. C. T.; FUSARI, Maria F. R. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FIGUEIREDO, N.M.A. Método e metodologia na pesquisa científica. 2ª ed. São Caetano, do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 81

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. 12. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da Educação. –Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IABELBERG, Rosa. Ensino de artes deve articular teoria e prática. **Portal do Professor: Jornal do professor**. Ed. 66, janeiro de 2012. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=77&idCategoria=8>>. Acesso em: 20 de jul. de 2013.

KALINKE, Marco Aurélio. Para não ser um professor do século passado. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

LEITE, M. M. "Retratos de família", São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. (Texto e Arte, v. 9).

LEITE, Lígia Silva. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, Wendel; AMORA, Dimmi. (Orgs.). Tecnologia e educação: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K.; ENGELS, F. Sobre literatura e arte. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes para o ensino de História e cultura da África e afro-brasileira. Brasília: Secad, 2004.

OLIVEIRA, Erika Patricia Teixeira. arte.com: reflexões sobre o ensino de artes visuais e a utilização das tecnologias contemporâneas. Trabalho de conclusão do

curso de licenciatura em Arte e educação. Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. 2013.

Oliveira, M. K. de (2001). Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In V. M. Ribeiro (Org.). Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAREYSON, Luygi. Os problemas da estética. Tradução de NERY GARCEZ, M. H. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEIXOTO, Maria Ines Hamann. **Arte e auto construção humana**: os porquês e os paraquês do ensino da arte na escola.. Seminário do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa.14.09.2005. Não publicado.

PERNAMBUCO. Parâmetros para a Educação Básica do Estado De Pernambuco- Parâmetros Curriculares de Arte – Educação de Jovens e Adultos, 2013

PIMENTEL, L. G. **Mediações Tecnológicas para o Ensino de Arte**. Anais do XVII CONFAEB – Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil e IV Colóquio Sobre o Ensino de Arte. 2007. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/lucia_pimentel.pdf>.

PISTRAK, M.M. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 8.

QUADROS, Imara Pizzato. Arte popular: trilheira para a arte/educação/ambiental. In: SATO, Michèle (Org.). Eco-ar-te para reencantamento do mundo. São Carlos: Rima/Fapemat, 2011. p. 52-61.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Everson Melquíades Araújo. Arte como conhecimento: as concepções de ensino de arte na formação continuada dos professores dos anos iniciais de Recife. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

STORI, Norberto, MOSANER JR., Eduardo. O Ensino de Artes no Brasil. Revista Sinergia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 144-150, jul./dez. 2007. SINERGIA (Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo)

TAPIA, J. A. Motivação e aprendizagem no ensino médio. In: COLL, C. (Org.). Psicologia da aprendizagem no ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2003.

UNESCO Policy Guidelines for Mobile Learning, publicado em 2013 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, France. A tradução para o português desta publicação foi produzida pela Representação da UNESCO no Brasil.

UNESCO, ICT in Education, ICT Portal for Teachers. Disponível em <http://www.unescobkk.org/education/ict/themes/training-of-teachers/ict-portal-for-teachers/> Acesso em 4 de agosto 2010.

Vianna, C. Luiz. A arte como instrumento de apoio à autoestima. Rio de Janeiro: Boas Ideias, 2005, p. 14.